ANO I — Lisboa—Sabado, 5 de Janeiro de 1918 — N.º 268

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 154

Editor — João S. Santos

Telefone: C. 1035

Preghiera pela Italia em perigo

Do ceu de Italia, acariciado como nenhum outro pela ligeira alteza das campaniles e pelas flechas sombrias dos ciprestes, ceu de ar banhado de um azul perfumado pelos loureiros e rosais da terra sagrada, mãe dos Latinos, acabam os aviões alemães de lançar bombas. Segundo rezam os telegramas, fizeram eles um ataque violento e prolongado sobre essa douta, preciosa e santa cidade de Padua. O Monstro horrendo do Norte, flagelo de Deus, encarnição-se agora contra a Italia, e uma das dôres mais angustiosas que se nos antolha a todos nós, amigos e antigos romeiros do País Encantado, peregrinos dos seus Museus, das suas Catedrais, dos seus Jardins, é esta perspectiva tragica de sabermos que os engenhos de morte ameaçam as cousas que a Beleza imortal consagra e de cujas ruinas se evola, como de cousas tão vivas como nós, a alma que as animava... Oh! a doce, melancólica, preciosa cidade, agora martirizada! Padua, em cujas ruas tortuosas e bordadas de arcadas não é impossivel, num fusco-fusco propicio, encontrar a sombra do Exilado de Florença...; Padua da mais antiga Universidade de Italia, donde começou a florescer no seculo XIII toda a cultura da parte setentrional do país, e do mais encantador Jardim Botanico que existe na terra, onde as arvores, plantadas no seculo XVI, vivem ternamente abrigadas por alpendres, doces seres a que os seculos deram um ar santo de vetustez; Padua dessa maravilha unica da arte Primitiva,—La Madonna dell'Arena, capelinha que Giotto pintou com alguns do frescos mais sentidos da sua obra, enquanto o seu amigo Dante contemplava a marcha do trabalho do artista; Padua de Donatello, de Mantegna, de Petrarca, que no arrabalde de Arcquá se recolheu á sua vila estudiosa, hoje povoada ainda pela mumia da sua gata familiar; Padua *del Santo*, em cujo tumulo, na grande penumbra da Basilica, todos os aflitos veem pôr as mãos ansiadas, esperando a consolação, o amparo, o conselho...

E' preciso visita-la á volta de Veneza, quando se traz ainda nos olhos o deslumbrado fulgor da fada aquatica, esposa dos mares cuja esplendente viuvez as nossas Navegações prepararam e, de retorno da cidade frisada, repousar á sombra da grande Basilica cuja fachada a atrocidade dos alemães acaba de destruir. Relembro, nesta hora que me punge, os dias calmos da semana que na velha cidade vivi, e na minha alma floresce a saudade da minha peregrinação nesse Junho luminoso e azul em que fui, romeiro de Santo Antonio, colher á cidade *del Santo* a flor da grande tradição do Português que encheu de maravilha a Idade-Media, levando á Cavalaria espiritual do Povorello um impeto moço, um novo idealismo combativo e uma luminosa sciencia da Escolastica. Sobre o fundo dessa fachada agora assassinada pelo Monstro horrendo, que do ar acariciado pelas torres onde tangem os mais melodiosos sinos da Italia ousou lançar as suas bombas de morte,—sobre o fundo dessa fachada loira, daquele loiro que apenas em Italia as pedras adquirem, mercê não apenas do beijo do sol, mas por certo tambem da magia do ambiente povoado pela presença sobrenatural do Passado,—sobre o fundo dessa fachada onde as pombas perpetuamente acariciavam os Apostolos e os Anjos, pousando-lhes nos ombros e nas asas..., vi eu, na festa *del Santo*, desenrolar-se lenta e hieratica a procissão suntuosa e relumbrante, levando alçada á frente, dentro do mais precioso relicario gotico, a lingua do Prégador que articulou durante a meia idade as palavras mais ardentes de fé, mais apaixonadas de fervor militante que os povos escutaram ainda.

Romeiro perdido entre a multidão de contadini que de toda a provincia e dos confins do reino acorrera nesses dias a Padua, mas romeiro nascido na mesma terra do grande Santo cuja festa se celebrava, senti então, como sinto agora, a especie do parentesco espiritual que me ligava á velha cidade que ele elegera e enchera e enche sempre da sua alma, e Padua ficou para mim como sendo tambem um pouco de terra portuguesa, na gratidão que em lhe votava por haver guardado e adorado a memoria dum grande homem nosso, obscuramente partido dos olivais tristes de Coimbra para a Gloria eterna da sua patria eleita...

* * *

Evocações de bloc-notes, ansiosamente sugeridas por mais este crime atroz do Monstro horrendo, elas me acudiram para acender na minha alma a preghiera que ardentemente balbucio, e por certo estremece tambem na alma de todos os amigos e peregrinos do País Encantado:

—Italia adoravel, terra Madonna entre as terras, donde nos fica para sempre, como de um beijo de paixão, a saudade ardente e voluptuosa;—Italia de Veneza irisada nos espelhos do seu ar marinho, de Ravenna exilada e povoada de espectros bizantinos, de Verona da Legenda amorosa, de Pisa sepulta no silencio do seu campo-santo, de Sena morta e flamejante;—Italia de todas as cidades, mesmo as mais obscuras, que em qualquer delas uma parte de Beleza eterna existe;—Italia dos mestres pintores, descobridores da Luz imortal, e dos mestres escultores, uns e outros cantores das formas sabeltas ou fortes das donas e dos heroes;—Italia dos velhos musicos, que na doçura do ar colheram a graça sensual das arias;—Italia dos Ciprestes, dos Jardins, das fontes;—Italia da meiga Umbria, patria de Oriente, pois que lá nasceu o Sol;—Italia dos tercetos do Dante e dos sonetos de Petrarca;—Italia da Toscana do povo espirituoso e elegante e do *bel partar gentile*,—Italia sobretudo do Lis florentino, flor suprema da Beleza e do Sonho,—Italia Madre do *gentil Latino sangue*:—que Deus te guarde e ás tuas catedrais, aos teus museus, aos teus claustros, aos teus jardins, aos teus palacios, da invasão da Peste organizada, do Horror codificado, da atrocidade Scientifica que te ameaçam!

E o derradeiro dos teus lazzaroni, coberto de chagas ao sol, é mais resplandecente de graça humana, mais alto de nobreza de sangue que o mais forte marechal da Germania horrenda, que o mais profundo pensador da Germania horrenda—ó Italia formosa e adoravel!

Afonso Lopes Vieira.

Afonso Lopes Vieira

A *Monarquia* honra-se hoje com a colaboração do altissimo poeta que é Afonso Lopes Vieira. Se entre os nossos irmãos mais velhos ha alguem que mais de perto se aparente com o movimento integralista, é sem duvida o lirico internacido das *lihas de Druma*. O seu nacionalismo literario, representando a mais bela das tentativas para resgatar Portugal da decadencia do gosto e da sensibilidade, ficará na historia critica das idéas contemporaneas como um dos mais fortes e dos mais decisivos esforços para que o entresonhado resurgimento patrio, que é a carne e a alma das nossas campanhas diarias, encontrasse caminho desbravado e facil.

Afonso Lopes Vieira é querido por nós como um precursor, a quem cabe mais *adivinhar* do que *realizar*. E quando dizemos *«realizar»*, referimo-nos, evidentemente, á necessaria renovação tradicionalista, por virtude da qual Portugal se batisará pela segunda vez, se ainda se quizer salvar. Enganam-se os que nos supõem apenas *politicos*. Somos politicos, porque sem se resolver o problema gravissimo e imediato da fórma do Estado, não se nos deparam bases firmes em que assentar a nossa desejada obra de reconstrução. Ninguem tem contribuido mais para ela do que Afonso Lopes Vieira com o seu iluminado lusitanismo. Ele conhece o segredo admiravel da nossa poesia, que é talvez a força secreta de que vive a e se alimenta resistencia prodigiosa de Portugal.

Procurando as colunas de *A Monarquia* para resar a sua oração sobre a Italia em perigo de morte, Afonso Lopes Vieira procura uma casa que é sua, toma um logar que de juro e herdade lhe pertence.

Assim não se esqueça o Poeta das grandes responsabilidades que um dia assumiu para com a nossa geração e, com o seu inflamado misticismo intelectual, a acompanhe sempre até lá onde for imperioso, para que a divisa do Pelicano triunfe e a Ley possa enfim regressar á Grey!

Ler na segunda-feira «A politica dos Reis Magos», editorial de Luiz de Almeida Braga.

A republica dos talassas

Temos presente o numero ultimo do ornal da Covilhã, *A Democracia*. Apesar do titulo, é um jornal que se intitula catolico e se apresenta como conservador.

Pois para que *A Democracia* se justifique na razão do seu nome, insere no numero que temos presente o relato duma reunião politica efetuada naquela cidade, com a comparencia do administrador do concelho e destinada á constituição dum bloco, formado de furta-côres de toda a origem, com o fim de apoiar a obra do actual governo, declarado pela *Democracia* governo nacional. E' ou não é a autentica republica dos talassas?

Motivos de sobejo haveria para discretearmos acerca do assunto, se ele não estivesse já arrumado definitivamente pelo libelo formidavel de Armando da Silva.

Mas, como vissemos entre as adesões recebidas as dos nossos prezados amigos e correligionarios senhores drs. José de Almeida Eusebio e Julio de Melo e Matos, apressamo-nos a protestar contra semelhante inexactidão.

Desde que a atitude do *Integralismo* em face do governo se encontra definida por nota emanada da *Junta Central*,—novamente repetimos que por força desse facto e mais da base VIII do nosso *Estatuto*, nenhum camarada nosso poderia ingressar, conservando-se integralista, em agremiações de natureza diversa daquela que é a razão fundamental da nossa ação politica. E' o que acontece decerto no caso em questão, tratando-se manifestamente dum equivoco que aos nossos dois amigos nem vale a pena desfazer.

Notas da Arcada

Não se confirma a nomeação do sr. Massano de Amorim e Alves Roçadas para governadores geraes de Moçambique e Angola, assunto este que tem de ser tratado ainda em conselho de ministros.

Nota politica

A noite que passou foi carregada de boatos. A esta hora, no seu gabinete, o senhor Sidonio Pais concorda decerto que, se uma revolução é dificil de fazer, é bem mais dificil sabe-la manter.

Não restam já duvidas de que o afonsismo se prepara para o seu terceiro dia, ao cabo dum mez. Sofrem-se as consequencias da morosidade burocratica em que até agora as mais elementares medidas de segurança publica parecem enleiadas. E por outro lado, manifesta-se o mal já irreparavel que presidiu á formação do governo.

Nascida dum movimento militar, a situação actual falseou logo de principio os compromissos que por esse facto assumira, desviando para o terreno *politico* a sua acção que só deveria exercer-se no terreno *nacional*. Para isso, se as espadas haviam levado ao triunfo o senhor Sidonio Pais, unicamente com as espadas é que a sua obra encontraria realização eficaz.

Mas mais uma vez a mentalidade republicana se afirmou. O espirito de partido sobrepoz-se aos desejos de pacificação que atiraram para a Rotunda tanta energia desinteressada e moça. Vão decorridos trinta dias depois do golpe heroico. O que se adiantou? O afonsismo levanta cabeça e em cada dia que passa o governo deixa fugir das mãos inermes a força que a revolução lhe entregou.

Nós vemos já de aqui a cara desiludida de quantos, na sua ansia de adesivagem, contavam com o regresso da ordem e a morte da demagogia. Para que a ordem regressasse e a demagogia se invrasse certidão de óbito, era preciso que a republica deixasse de ser republica.

Não se encare o problema apenas nas suas linhas formais. A questão é mais grave e mais profunda. Prende-se com a propria natureza do regime.

Porque se prende com a propria natureza do regime, o senhor Sidonio Paes, no seu proposito honrado de tornar a republica habitavel, arrasta-se agora ás vesperas de dar consigo em pleno vacuo. Ninguem pensava numa nova matança dos judeus. Ninguem pedia a *Saint-Berthelémy* do afonsismo, como em frase de efeito um luminar do mundo democratico asseverava ainda ha pouco. Todos esperavam, porem, que o senhor Sidonio Paes não hesitasse no emprego dos meios necessarios á obtenção duma relativa e duradoira tranquilidade. De boas intenções está o inferno cheio—, é do uso dizer-se. São boas, ao que parece, as do senhor Sidonio Paes. Mas se não se traduzirem, em realidades apreciaveis não é provavel que o paiz lhe preste o apoio de que tanto carece e de que da hora para hora se vai afastando cada vez mais.

As ocasiões só veem uma vez. São como a mocidade. Ora a nós afigura-se-nos que a ocasião que o senhor Sidonio Paes desperdiçou não tornará de novo a bater-lhe á porta. De resto, não é coisa que nos surpreenda.

A republica, como o senhor Sidonio Paes a deseja, é um algebrismo inerte como esses tantos que andam no seu convivio familiar. Não ha regime algum que, para viver, se farte a vazar-se numa forma autoritaria que o unifique e viabilise. Eis porque as republicas só persistem quando oligarquica. Oligarquica é a republica afonsista. *Chasses le naturel*... Por uma fatalidade de destino, o remendo honesto do senhor Sidonio Paes terá que cader.

Um unico recurso se lhe oferece, no entanto. Diante dele, o senhor Sidonio Paes prefere optar certamente por tudo, até pela guilhotina. Sendo as sim, se os boatos da noite passada se ficaram em simples boatos não tardará aí qualquer madrugada em que Lisboa experimente o seu já infallivel incomodo mensal. Vamo-nos dispondo para isso, porque já ensina a boa sabedoria das nações que homem prevenido vale por dois. A provação ha-de ser tremenda para castigo, nosso que bem o merecemos. Mas, desvanecida a ultima esperança da *republica dos talassas*, a grande claridade da Monarquia ha-de então apresentar-se dominadoramente, já sem mistificações que a obscurecem nem conveniencias que a sofismem.

A. S.

Recital de lieder

E' na proxima quinta-feira, ás nove horas e meia da noite que se realiza na Liga Naval a primeira audição integral das «Canções de saudade e amor», poesias de Afonso Lopes Vieira com musica de Ruy Coelho. As quatorze «lieder» que aparecerão á venda nesse dia, serão interpretados pelas senhoras D. Laura Valle Marques e D. Olivia Pimentel, e pelo baritono Antonio Caldeira. Esta audição, que será precedida da palavra de Afonso Lopes Vieira, encerra um altissimo interesse para a musica portuguesa, porque se trata da criação do «lieder» nacional. O produto do recital reverte a favor das madrinhas de guerra.

Ordem publica

O governo tem recebido denuncias de se preparar quaisquer alterações de ordem publica, por isso tomou todas as providencias necessarias de forma a evitar qualquer golpe de audacia, devendo ser aniquilada qualquer tentativa nesse sentido.

Cruzador Vasco da Gama

O cruzador Vasco da Gama vai entrar na doca para proceder a beneficiações e limpar o fundo.

ECONOMIA NACIONAL

As Finanças e a Guerra

A guerra tem sem duvida influencia sobre todos os ramos da vida moderna; ha porem alguns sobre os quais essa influencia se faz mais intensamente sentir. Estão neste caso as finanças dos varios países e principalmente as finanças dos beligerantes.

As notas de banco e o papel-moeda circulam hoje em quantidades enormes. O grande numero de notas e a pouca quantidade das moedas metalicas fazem com que se comercie, em grande como em pequena escala, quasi exclusivamente com o *papel*.

O aumento da circulação fiduciaria levada até ao exagero trouxe consigo uma grande depreciação do dinheiro e uma consequente elevação dos preços dos varios produtos. Chegámos a uma situação em que podemos dizer com verdade que: *o dinheiro é barato*. E é barato porque ha muito.

Dizia, ha dias, um condutor dum carro electrico com uma certa propriedade:—«desde que o dinheiro é de papel parece que não lhe temem o peso, vós que é um regalo!

E é verdade, as notas vôam-nos das mãos quasi sem a gente dar por isso. Se se trata de notas de meio tostão, até se desfazem em pedacinhos para mais facilmente voarem!

E' intuitivo que *sendo o dinheiro barato*, porque ha muito, os generos de que necessitamos, que não aumentaram em quantidade, antes diminuiram, subiram e subirão fatalmente de preço.

O preço dum produto varia na razão directa da quantidade do dinheiro e na razão inversa da quantidade desse mesmo produto.

A alta dos preços deu-se em toda a parte porque em toda a parte se verificou um aumento da circulação fiduciaria.

O *Banco de França* de 1914 para cá fez mais do que triplicar a sua emissão. Esta, que era em 5 de Agosto de 1914 de 12 biliões de francos, em Setembro de 1917 excedia já 24 biliões.

Em Inglaterra a emissão dos bancos em egual espaço de tempo aumentou apenas 500 milhões de francos, mas criaram-se quatro biliões e meio de bilhetes de tesouro, contra os quais ha uma reserva de 800 milhões em ouro.

Uma outra medida de grande alcance foi tomada na Inglaterra. A falta de trocos, isto é, o reduzido numero de pequenas moedas em circulação fez-se sentir lá, como entre nós. Mas em vez de pôr em circulação pequenas notas, o governo inglês mandou cunhar cerca de 100 mil contos (cambio ao par) de moedas de prata destinadas ao pagamento dos salarios e a servirem para as economias dos menos abastados.

E o que se deu na França e na Inglaterra deu-se por toda a parte.

A alta dos preços, um momento de guerra como este em que todos os factores que podem determinar o encarecimento da vida se acham reunidos, verifica-se em todo o mundo. Esta alta começou nos grandes centros porque aí se exgotaram mais rapidamente os *stocks* dos comerciantes.

Nas provincias, que dizer nos centros de pequeno consumo, o negociante que tivesse o seu armazem bem fornecido, que tivesse portanto os seus *stocks* de reserva, pôde durante algum tempo manter os velhos preços, vindo só a eleva-los quando, esgotado o seu fornecimento teve de fazer por altos preços novas aquisições.

A. Campos Figueira.

Mau pagador

Foi recebida no ministerio da guerra a seguinte nota do regimento de cavalaria n.º 5:

Copia—Serviço da Republica—Regimento de cavalaria n.º 5—Conselho n.º 5:254—Evora, 19 de Dezembro de 1917. —Ao sr. chefe da repartição do gabinete do ministerio da guerra—Lisboa—Tendo em 31 de Outubro ultimo passado por esta cidade o então ministro da guerra sr. Norton de Matos e tendo o mesmo ex.mo sr. mandado o seu ajudante de campo capitão de cavalaria Antonio de Almeida a este conselho administrativo, a fim de por emprestimo lhe ser cedida a quantia de 40.00 para custeamento das despesas a fazer com os mesmos senhores desta cidade para Alter do Chão, importancia que devia ser satisfeita pelo conselho administrativo da secretaria da guerra e como até esta data não foi recebida, apesar de ser pedida em minha nota n.º 3:022 de 19 de Novembro findo, venho rogar a v. ex.a no sentido de que este conselho administrativo seja indemnizado da referida importancia com a maxima urgencia —(a) *José Maria Pereira da Silva*, coronel.

Não sabemos quais os jornais que, por espirito malefico, vão explorar a fuga do sr. Norton de Matos, ex-ministro, e excoronel se não receber a anunciada anistia.

Mas, parece-nos que o sr. Nórton, que além de Matos é orgulhoso, não ia desertar da sua patria por causa de tão magra quantia... O que são 40 mil réis para um ministro democratico?

Ou aqui ha uma *blague* do ministerio da guerra ou ha orgulho de mais da parte do sr. Norton de Matos. Se é *blague* não tem espirito e nem grandeza porque, diga-se a verdade crua e nua, nem é com uns miseros quarenta mil réis que se deita a terra um democratico, que de mais a mais está a ares fora da terra; e se é orgulho do sr. Norton, é bem cabido e legitimo—porque um ministro que se preza e que deseja honrar o seu partido, só paga dividas superiores ao preço do colar de perolas...

No bom combate

O movimento integralista tem em cada integralista que o sabe ser uma energia dedicada e uma fé que transpõe montanhas.

Não nos cansemos nunca de acentuar que é principalmente na gente moça, sem responsabilidades no passado nem compromissos no presente, que a nossa cruzada encontra os mais profundos fervores e o terreno mais apto a receber, para a devolver centuplicada, a boa semente que sem desfalecimentos é aqui lançada com mãos rasgadas e plenas aos quatro ventos da terra. Distingamos, no entanto. E distingamos para melhor compreender. Nem todos quantos veem a nós se mantem no seu osto de honra, nem sempre os que a idade torna moços, correspondem nas fibras do seu coração á persistencia de sacrificio e crença que o *Integralismo* requer e com a mais inflexivel intransigencia exige de quem se acolhe á sua bandeira.

Sucede assim muitas vezes que, por avidês duma passageira notoriedade ou então por falso sentido das verdadeira inclinação da sua consciencia, ha quem se suponha integralista. Imprudentemente, levianamente, atira com a sua adesão até nós, sem meditar o encargo de honra que esse facto importa consigo. Mais tarde, quando é preciso tirar as conclusões de semelhante atitude, é frequente vêr recuar com timidez, por meio dum desacordo inventado á pressa, o pretenso aderente que nas coisas apenas surpreendeu e aspecto, e nunca a sua intima essencia. O que deriva daqui é serem naturalmente eliminados, por um processo quasi automático de seleção, aqueles que em verdade nunca se encontrariam á altura do esforço que um movimento como o nosso solicita de toda a iniciativa, ainda a mais humilde, que porventura se dirija ele.

São, por felicidade, quasi excepcionais esses casos. E' quando algum nos surge, o *Integralismo*, que não é um partido, nem por momentos hesita em lhe aplicar a solução mais radical. Para mais, trata-se sempre de validades insatisfeitas, de personalismos caprichosos, de melindres de escusada ponderação.

Passando por cima de tão insignificantes atritos, o *Integralismo* ganha cada vez mais em extensão e em homogeneidade, expungindo de si as tendencias apatricas que seriam de futuro uma ameaça de desagregação. E com alegria verificamos que nunca os que merecem por algum titulo, ou deram á causa o seu concurso desinteressado e amplo, se inglobam no numero reduzido dos *snobs* que entram e saiem, os dos que supõem na sua adesão uma espada sempre suspensa sobre os destinos da nossa cruzada patriotica.

A prova seria facil de apresentar, se agora nos ocupassemos de inventariar, ainda que rapidamente, os beneficios recebidos em menos dum ano de combate diario.

Não é isso, porém, que hoje nos ocupa. O que nos ocupa é destacar a vitalidade que o *Integralismo* desenvolve no seu caminho já apreciavel, e precisamente por intermedio daqueles que o aumentam e robustecem em perfeito espirito de disciplina e de convicção.

E' um desses muitos o alferes Alexandre Cabeças, agora em França nos postos arriscados do *front* que, através da sua fé nacionalista, entende, e bem, que não basta acreditar, mas que é dever indeclinavel de quem acredita fazer acreditar tambem os outros. Tornou-se notavel o seu proselitismo, de que damos um testemunho significativo na carta que a seguir nobilita as colunas de *A Monarquia*. Subscreve-a o senhor Joaquim Maria da Silva Dias, aluno da Faculdade de Letras, e cuja formação catolica vale como o mais seguro fiador da sinceridade das suas palavras impressionantes. Se Alexandre Cabeça já era para nós um soldado extremado do nosso movimento, no nosso novo companheiro de armas sentimos bem a mesma rijesa de caracter e a mesma elevação de intenções, que são o timbre heráldico de quem o trouxe, com tanto poder de persuasão, ao corpo escolhido dos legionarios do *Integralismo*. Mas, melhor do que nós, fala a carta de Silva Dias.

«Meu caro amigo:

Não quero que partas para terras da França sem te dizer que é chegado o momento, em que posso declarar-me o mais entusiasta e fervoroso dos Integralistas.

Do meu espirito desappareceram aquelas duvidas, que classificaves de futeis, escrupulo demasiado de consciencia... etc., quando te acostumaste a considerar-me um proselito dedicado dos teus ideais.

Melhor que ninguem sabes a dedicação, a boa vontade é a lealdade, com que tenho servido a causa Monarquica e os sacrificios que por ela tenho feito.

Na época em que as perseguições chegaram ao auge, quando muitos fugiam e acobardados negavam as suas crenças politicas e religiosas, foi com a esforçada energia de poucos — e um d'eles fui eu— que na capital transtagana a ideia monarquica se manteve.

Dentro da Academia, principalmente, a espalhamos e propagandeamos, levando os moços alentejanos, que frequentavam o Liceu d'Evora, nessa época calamitosa a proclamar altivamente, os seus sentimentos religiosos e a sua fé monarquica, em manifestações colectivas de que guardo a mais saudosa lembrança.

Não desconheces a forma como tenho repelido as ofertas com que teem querido peitar a minha lealdade.

E, tambem, não ignoras a simpatia que sempre, me mereceram as doutrinas integralistas; a delicação com que d'elas me constitui propagandista, ha muito tempo, quando para muito boa gente *Integralismo* queria dizer excentricidade, pedantismo...,— a admiração que tenho pelos seus dedicados apostolos, que tiveram a coragem de semear a boa doutrina arrostando com o moderno preconceito de liberalismo, proclamando as verdades eternas, que a Igreja Catolica Apostolica Romana nos ensina.

Por isso a noticia nem te admira nem te surpresnde.

Mas, por ninguem saber melhor que tu a minha fé monarquica, naturalmente estás tu indicado para junto dos teus valorosos companheiros do *Integralismo Lusitano*, empenhares a tua palavra de amigo, pela sinceridade da adesão que desejo dar-lhes.

Por isso te peço sejas o portador da minha adesão ao *Integralismo Lusitano*.

Dize aos teus amigos, que ela pouco vale, mas dize-lhes tambem que quando tocar a reunir, sou soldado que não falto á chamada, e que disciplinado irei ao combate, em todos os campos em que ele seja travado por mais perigos que tenha a correr.

Aceita um abraço e crê na estima e admiração do teu

Amigo
Mt.º sincero e Ob.º
Joaquim Maria da Silva Dias

E' um retrato moral a carta que ai deixamos. Desde os bancos liceais, Silva Dias tem prestado ao principio monarquico um entusissmo e uma firmeza, por mais duma vez experimentada em bem duras provações. Sucintamente, o nosso amigo recorda a sua ação de sacrificado e de lutador para frisar a legitimidade das suas conclusões. Não nos enganámos nós na hora em que, ao iniciar as nossas campanhas entre os sarcasmos dos republicanos e os desdens dos talassas, contamos em completa obra de esperança com a mocidade do nosso país! Não a mocidade que uma obrigação de herança compelisse ás batalhas que diariamente travamos. Essa falta sempre e, com raríssimas excepções, ainda não démos por ela.

Mas a mocidade, em quem renascem as virtudes ancestraes da raça e que, á sombra da torre do seu concelho e no enlevo maternal das nossas pequenas vilas, soube entender a voz oculta dos seus Mortos, prestes a libertarem-se do grande purgatorio dum seculo inteiro de mentira historica.

Oferece-se Silva Dias para em todos os campos confessar bem alto a sua convicção integralista, ou á luz clara de disputas inteletuais, ou ao claro sol da revolta sagrada e inevitavel dum amanhã já proximo. Assim, com confiança e com fervor, é que o nosso movimento vingará! Nos somos a bola de neve rolando *«devagar, mas rolando sempre e aumentando cada vez mais»*. Bem haja Silva Dias pelo esforço que nos envia com o seu admiravel exemplo!

E' toda de trabalho e de contrariedades dignificadoras a sua vida de estudante. Sobre a bela aprendisagem de renuncia de quem, como Silva Dias, tanto se dedica e tanto persiste, o seu futuro se erguerá um dia, formoso e invencivel, na suprema satisfação de haver contribuido para o resurgimento da Patria.

Alentejano como é, sobeja-lhe o luminismo que dá a planicie, quando lhe escutamos os ensinamentos misteriosos e graves.

Que não desanime agora na jornada que seguimos, continuando a propaganda que já cultivava e servia quando simples amigo *da dehors*. De *«excentricidades»* e *«pedantismo»* se classificvas, segundo Silva Dias, a nossa ação. E' imperioso desfazer esse erro grosseiro que impossibilita a preguiça inteletual de tanta gente que se preza de se aproximar com resultado das nossas verdades. Só realmente pela propagando insistente e meticulosa obteremos o fim que desejamos. Não é demais por isso insistir no que constitue o primeiro dever dum bom integralista e que, em saudação ao companheiro que tão galhardamente nos procura, nos resumiremos num brado de guerra, que é com tudo o arranco!

Propaganda!
Propaganda!
Propaganda!

Juntas de paroquia

Porque espera o governo? Até agora, essas Juntas de Paroquia democraticas, que não traduzem de modo nenhum o sentir das populações, e que só á custa de silencios e trapassas conseguiram vencer no sufragio, ainda não foram dissolvidas. Em Lisboa, aqui mesmo, onde as eleições paroquiaes foram viciadas sem escrupulos, indo á audacia ao assalto ás assembleas e á inutilisação das actas, as juntas ingressaram na sua ação politica, organizando a sua engrenagem politica revolucionaria, começando pela falsificação do recenseamento eleitoral.

Talvez o *tanto peior, melhor* nos possa convir, se nos colocassemos no campo restritamente partidario; mas acima de tudo somos portugueses...

Lembre-se o governo daquela judiciosa frase de «La Rochefoucould» *«In ne doit pas juger du merite d'un homm par ses grands qualités mais par l'usage qu'el en sait faire»*.

Liga Naval Portuguesa

Realisa hoje ás 9 1/2 da noute a sua conferencia o ilustre Colonial o Ex.mo Sr. Dr. Matta e Dias.